

COLÉGIO SÃO LUÍS

**ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**São Paulo
2025**

**A luta de Maria I da Inglaterra para conquistar e manter o poder em uma
linhagem exclusivamente masculina**

Artigo apresentado como requisito de aprovação em “Estudos e Pesquisas
Supervisionados”, na 2ª série do EM do Colégio São Luís

Orientador: Profa. Dra. Silvana Martinho

São Paulo
2025

DEDICATÓRIA

Eu dedico este trabalho á meus pais e aos meus amigos

AGRADECIMENTO

Durante o desenvolvimento do meu trabalho, o apoio de muitas pessoas foi muito importante para mim, primeiramente, eu gostaria de agradecer a minha mãe, que sempre esteve disponível para me ajudar a procurar informações sobre o meu tema e me apoiou durante todo o processo de escrita, do início até o fim. Outra pessoa que eu devo grandes agradecimentos, é a minha orientadora, Professora Doutora Silvana Gobbi Martinho que foi uma companhia crucial durante todo o processo do meu trabalho e me orientou das melhores maneiras possíveis.

“A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; ela é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.”

— *Simone de Beauvoir, O Segundo Sexo* (1949)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a vida de Maria I da Inglaterra e como superou suas dificuldades para subir ao trono inglês. Para isso foi utilizada a metodologia qualitativa, baseada em informações de livros como, “Quando as mulheres governavam o mundo” de Maureen Quilligan. Para alcançar o objetivo estabelecido pela pergunta, a pesquisa pretende analisar os aspectos da vida de Maria I, tanto internos quanto externos, e a partir deles entender como Maria I fez para superar eles. Para finalizar, o projeto também faz uma comparação entre os direitos das mulheres na atualidade com os direitos das mulheres na época de Maria I.

Palavras-chave: Dinastia, Misoginia e Feminismo

Sugere-se de 3 a 5 palavras, separadas entre si, por ponto final.

ABSTRACT

This research aims to analyze the life of Mary I of England and how she overcame her difficulties to ascend to the English throne. For this purpose, a qualitative methodology was used, based on information from books such as "When Women Ruled the World" by Maureen Quilligan. To achieve the objective established by the question, the research intends to analyze the aspects of Mary I's life, both internal and external, and from these, understand how Mary I managed to overcome them. Finally, the project also compares women's rights today with those of Mary I's time.

Keywords: Dynasty, Misogyny and Feminism

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1.....	12
FIGURA 2.....	16
FIGURA 3.....	18
FIGURA 4.....	20
FIGURA 5.....	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2. A JORNADA DE MARIA TUDOR: CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E PESSOAL	15
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO FAMILIAR: O BERÇO DE MARIA I	18
2.2 HENRIQUE VII E ELIZABETH I NA VIDA DE MARIA TUDOR.....	20
3 CRISES DE SUCESSÃO: DIFICULDADES EXTERNAS E PESSOAIS PARA ASCENSSÃO.....	22
3.1 CONSEQUÊNCIAS DAS DIFICULDADES EXTERNAS NA VIDA DE MARIA I DE INGLATERRA	25
3.2 CASÓRIO DE MARIA I E FELIPE II.....	26
3.3 DIFICULDADES EXTERNAS E POLÍTICAS	27
4. DISCUSSÃO SOBRE A MULHER E O PODER POLÍTICO	28
4.1 MULHERES NA CORTE E NO PODER	29
5. CONCLUSSÃO.....	30

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema central a monarca Maria Tudor I da Inglaterra, e os desafios enfrentados por ela para conquistar e manter um reinado, que segundo Gina Mastrangelo (2022), era um ambiente misógino, com pensamentos que rebaixavam as mulheres, com esse e outros tantos fatores adversos, como, conflitos religiosos relacionados ao catolicismo e protestantismo e as lutas dentro da nobreza pelo poder. O caso de Maria I é especialmente interessante pois ela conseguiu se consagrar como sucessora de uma linhagem inteiramente masculina em uma sociedade patriarcal.

A Rainha Maria I governou a Inglaterra de 1553 a 1558 e foi a primeira monarca a governar o país. Ela era filha de Henrique VIII e de sua primeira esposa, Catarina de Aragão. Embora fosse a filha mais velha da família, ela só se tornou rainha após a morte de seu irmão mais novo, Eduardo VI; as regras de sucessão determinavam que o filho primogênito herdaria a coroa. Como Eduardo morreu sem deixar filhos (herdeiros) para passar o trono, Maria foi a próxima na linha de sucessão. (SAUL, 2022, p.3)

Ademais, segundo Paulo de Alexandre (2024), um dos maiores objetivos de Maria I em seu reinado, era restaurar o catolicismo na Inglaterra, ela era uma mulher muito devota a deus, isso é devido á grande influência por parte de sua mãe, Catarina de Aragão, que segundo Mark Cartwright (2020) era uma “cristã fervorosa”. Essa fé e devoção à religião foi um dos aspectos mais importantes após seu pai ter se declarado a cabeça da igreja anglicana e ter implementado essa religião ao reino, essa sua luta se tornou um dos temas mais polêmicos, ocasionando os capítulos mais sangrentos de seu reinado.

Exemplificando o forte catolicismo de Maria, “Maria se convenceu de que havia conquistado o trono porque Deus havia favorecido suas convicções religiosas” (Cartwright, 2020, p.1). Como citado anteriormente Maria Tudor era muito fiel à sua religião e isso levou-a a pensar que todas suas estratégias políticas, habilidades de articulação do poder e seu grande esforço, não foram realmente o que levaram Maria I a conquistar o trono. Mas sim o fato dela ter conseguido conquistar o trono era uma obra de Deus.

Para o Referencial Teórico, a base da pesquisa foi majoritariamente focada no livro “Quando as mulheres governavam o mundo” (2021), de Maureen Quilligan, uma professora de Inglês da Duke University também autora de livros sobre a literatura medieval e renascentista. O livro é uma revisão da história e conta sobre quatro mulheres, uma delas sendo Maria Tudor, que redefiniram a cultura da monarquia europeia no século XVI. Além disso a obra mostra como a vida de cada uma dessas mulheres estavam interligadas por um reconhecimento mútuo de que elas precisavam se unir, para combater forças que desejavam destruí-las e que ameaçavam a própria estrutura monárquica. Outra fonte que será utilizada para o referencial teórico será o livro “Tragam os corpos” (2012) que faz parte da trilogia de livros sobre a linhagem da família Tudor feito por Hilary Mantel, uma escritora britânica de ficção e história. O livro narra a vida de Thomas Cromwell, ministro de Henrique VIII, contando histórias e fatos sobre a linhagem Tudor.

Em vista disso, o objeto escolhido para o estudo foi a Maria I da Inglaterra, e a luta que ela teve para acender e se manter no poder em um contexto de uma linhagem antecedita apenas por homens, e as dificuldades enfrentadas por ela, por ser uma mulher em uma época em que a maioria dos monarcas eram homens. Para entender mais quem era Maria, é importante conhecer suas origens e raízes, assim se aprofundando mais na história de sua família, de acordo com Sebastian Maurer Strohm (2022), pelo lado de seu pai, Henrique VIII, ela foi a quinta monarca a governar na linhagem Tudor, e pelo lado materno ela é neta dos Reis da Espanha Isabela de Castilha e Fernando de Aragão

O motivo do qual a vida da Maria I foi selecionada como objeto é porque é possível analisar sua vida de uma maneira que permite discutir temas como poder feminino na monarquia, intolerância religiosa, construção de imagem histórica e o papel das mulheres em contextos de dominação masculina. Esse objeto também é muito importante de ser estudado e analisado pois, é uma boa maneira de exemplificar como eram as dinâmicas de poder do século XVI em relação a influência que o gênero tinha nas relações de poder na monarquia. Outro motivo para ter escolhido Maria I da Inglaterra como objeto é o fato dela ter sido uma mulher que lutava e realmente se importava com os direitos das mulheres, o que era muito raro no século XVI.

A rainha Mary não concordou: na verdade, ela nunca havia concordado com a extrema necessidade de um governante homem, começando por resistir ao “divórcio” do seu pai contra sua mãe, Catarina de Aragão, por ela não ter tido nenhum filho homem que sobrevivesse para ser herdeiro do trono. (QUILLIGAN, 2021, p. 22)

De acordo com Quilligan, (2021), conforme citado por, John (1558)

“Promover uma mulher a assumir um governo, superioridade, domínio ou império sobre qualquer reino, nação ou cidade é: A) Repulsivo a natureza. B) Insultante a DEUS. C) Subversivo à boa ordem, a todo valor e justiça”. Essa frase do livro *“The first Blast of the Trumpet against the Monstrous Regiment of Woman”*, (Jhon Knox, 1558, pg. 1)

Ademais, segundo Paulo de Alexandre (2024), um dos maiores objetivos de Maria I em seu reinado, era restaurar o catolicismo na Inglaterra, ela era uma mulher muito devota a deus, isso é devido á grande influência por parte de sua mãe, Catarina de Aragão, que segundo Mark Cartwright (2020) era uma “cristã fervorosa”. Essa fé e devoção à religião foi um dos aspectos mais importantes após seu pai ter se declarado a cabeça da igreja anglicana e ter implementado essa religião ao reino, essa sua luta se tornou um dos temas mais polêmicos, ocasionando os capítulos mais sangrentos de seu reinado.

Exemplificando o forte catolicismo de Maria, “Maria se convenceu de que havia conquistado o trono porque Deus havia favorecido suas convicções religiosas” (Cartwright, 2020, p.1). Como citado anteriormente Maria Tudor era muito fiel à sua religião e isso levou-a a pensar que todas suas estratégias políticas, habilidades de articulação do poder e seu grande esforço, não foram realmente o que levaram Maria I a conquistar o trono. Mas sim o fato dela ter conseguido conquistar o trono era uma obra de Deus.

Para o Referencial Teórico, a base da pesquisa foi majoritariamente focada no livro “Quando as mulheres governavam o mundo” (2021), de Maureen Quilligan, uma professora de Inglês da Duke University também autora de livros sobre a literatura medieval e renascentista. O livro é uma revisão da história e conta sobre quatro mulheres, uma delas sendo Maria Tudor, que redefiniram a cultura da monarquia europeia no século XVI. Além disso a obra mostra como a vida de cada uma dessas mulheres estavam interligadas por um reconhecimento mútuo de que elas precisavam se unir, para combater forças que desejavam destruí-las e que ameaçavam a própria estrutura monárquica. Outra fonte que será utilizada para o referencial teórico será o

livro “Tragam os corpos” (2012) que faz parte da trilogia de livros sobre a linhagem da família Tudor feito por Hilary Mantel, uma escritora britânica de ficção e história. O livro narra a vida de Thomas Cromwell, ministro de Henrique VIII, contando histórias e fatos sobre a linhagem Tudor.

Em vista disso, o objeto escolhido para o estudo foi a Maria I da Inglaterra, e a luta que ela teve para acender e se manter no poder em um contexto de uma linhagem antecedita apenas por homens, e as dificuldades enfrentadas por ela, por ser uma mulher em uma época em que a maioria dos monarcas eram homens. Para entender mais quem era Maria, é importante conhecer suas origens e raízes, assim se aprofundando mais na história de sua família, de acordo com Sebastian Maurer Stroh (2022), pelo lado de seu pai, Henrique VIII, ela foi a quinta monarca a governar na linhagem Tudor, e pelo lado materno ela é neta dos Reis da Espanha Isabela de Castilha e Fernando de Aragão

O motivo do qual a vida da Maria I foi selecionada como objeto é porque é possível analisar sua vida de uma maneira que permite discutir temas como poder feminino na monarquia, intolerância religiosa, construção de imagem histórica e o papel das mulheres em contextos de dominação masculina. Esse objeto também é muito importante de ser estudado e analisado pois, é uma boa maneira de exemplificar como eram as dinâmicas de poder do século XVI em relação à influência que o gênero tinha nas relações de poder na monarquia. Outro motivo para ter escolhido Maria I da Inglaterra como objeto é o fato dela ter sido uma mulher que lutava e realmente se importava com os direitos das mulheres, o que era muito raro no século XVI.

Edward VI havia escrito de próprio punho “Meu instrumento para sucessão”. Nele argumentando que Mary e Elizabeth eram, afinal de contas, apenas suas meias-irmãs e ainda assim bastardas, o rei adolescente alegava que elas não tinham o direito de sucedê-lo. (QUILLIGAN, 2021, p. 25)

Apesar disso, ainda assim Maria I conseguiu ascender ao trono e manter um reinado forte e muito marcante.

Com base nas pesquisas e metodologias, pretendo entender e me aprofundar nas principais condições, fatos e fatores que ela utilizou para se erguer e se manter no trono por 5 anos até sua morte, em condições tão difíceis. Também pretendo analisar o legado que Maria I deixou, após ser a primeira mulher que reinou depois de

uma linhagem apenas masculina, e como seu governo abriu um novo caminho para novas mulheres serem rainhas e reivindicarem seu trono, um exemplo do legado deixado por Maria I foi a última rainha da Inglaterra, Elizabeth II que pode reinar por 70 anos e 214 dias, mostrando que o reinado de Maria I da Inglaterra trouxe e traz até os dias atuais uma inspiração e base para reinados femininos.

A longo prazo, o processo de pesquisa pretende analisar a vida e o contexto histórico em que Maria I estava envolvida e inserida para conseguir manter seu reinado, e analisar o papel das mulheres na sociedade da época, visando fazer uma comparação entre as mulheres da atualidade.

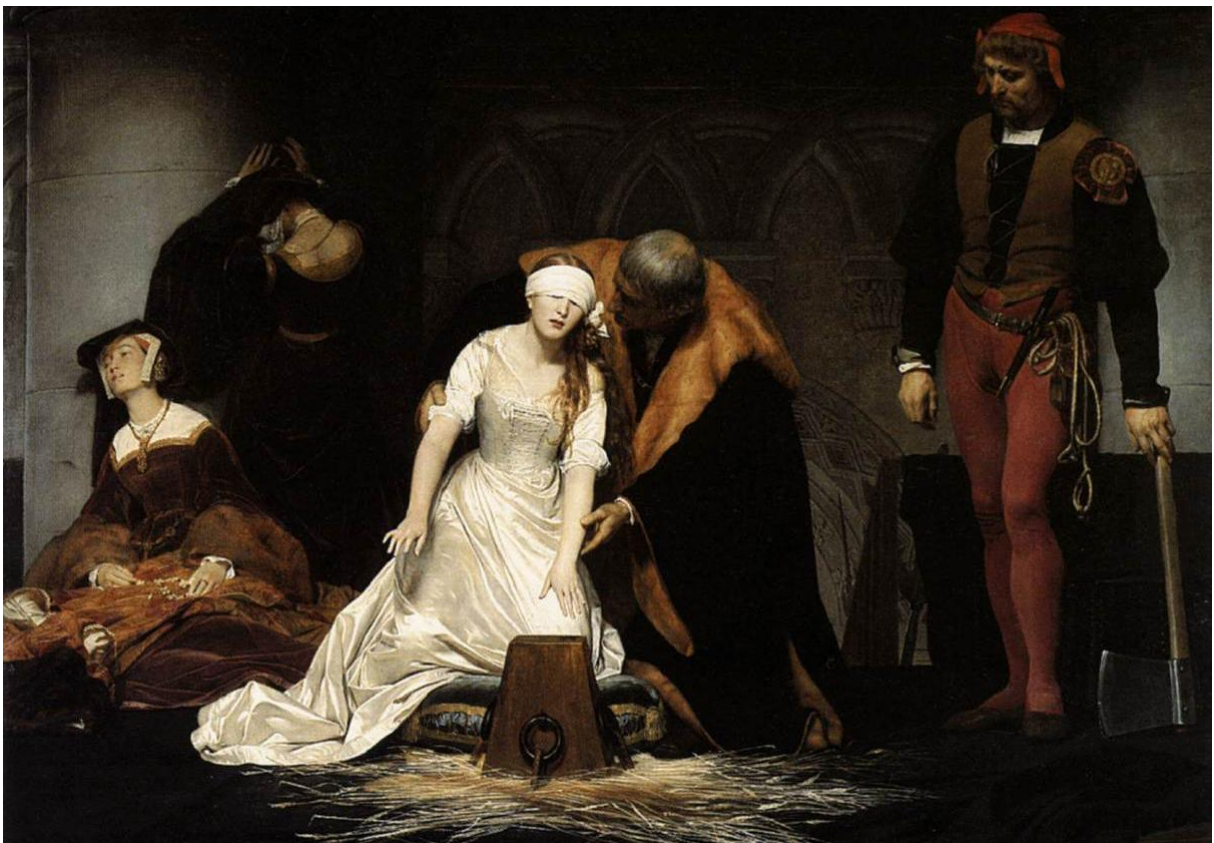
Visto a proposta do objetivo principal e a pergunta central, a hipótese sugere que para Maria I conseguir ascender ao trono na Inglaterra no Sec. XVI vários fatores precisariam ser levados em consideração, como, majoritariamente, o apoio de parte da população Inglesa na época. Após seu pai, Henrique VIII, romper relações com a Igreja católica em 1534, visando criar a igreja Anglicana, parte da população que seguia o catolicismo ficou muito descontente, e como um dos maiores objetivos que Maria I tinha de cumprir durante seu reinado era restaurar o catolicismo na Inglaterra, ela conseguiu o apoio de parte do reino. Outro aspecto que auxiliou Maria I na conquista do trono foi o fato que ela tinha diversas estratégias políticas, e habilidades de articulação do poder, ela uma pessoa muito hábil em relação á decisões e o fato dela ter sido uma mulher que sabia e conhecia de seus direitos reais foi importantíssimo para o resultado. Especialmente o fato de Maria I da Inglaterra saber que, por ela ser filha de Henrique VIII, antigo rei da Inglaterra, ela tinha o total direito de suceder ao trono inglês, e isso fez, se reuniu com vários partidários seus que, assim como ela, queriam restaurar o catolicismo no topo do poder inglês e principalmente por sua ambição

Quando Maria se convenceu de que seu irmão estava prestes a morrer, ela viajou para a região de East Anglia (ou Ânglia Oriental, no leste da Inglaterra), onde se reuniu com vários partidários seus que, assim como ela, queriam restaurar o catolicismo no topo do poder inglês. (LISLE, 2009, pg. 86)

Com isso Maria I assumiu o trono, previamente governado por sua prima Lady Jane Grey,

Maria Tudor conseguiu para si a coroa, que considerava sua por direito, e entrou para a história como rainha Maria 1ª. Oficialmente, é considerada a primeira monarca de direito do sexo feminino, já que Lady Jane não é historicamente reconhecida como "Rainha Jane" ou "Jane 1ª". (LISLE, 2009, pg. 88)

FIGURA 1: Execução de Lady Jane Grey



Fonte: Aventuras na História. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-quem-foi-jane-grey.phtml>

Acesso em 23.09.25

Em sequência, para buscar a resposta da pergunta central e comprovação da hipótese, este trabalho utilizará uma metodologia qualitativa, para pesquisar e buscar em livros, textos e documentários que mostram informações e fatos sobre a vida de Maria Tudor (Maria I de Inglaterra). Como, os livros: “Quando as mulheres governavam o mundo”, de Maureen Quilligan;” tragam os corpos, volume 2” de Hilary Mantel; “Wolf Hall, volume 1” de Hilary Mantel. Outra fonte seria a entrevista, do canal contando histórias de Joaquín Rivera Chamorro, Capítulo: Catalina de Aragón, lá reina

espanhola de Inglaterra. A partir daí, agruparei informações dos 3 livros e do documentário, com isso, visando responder à pergunta principal e entender e me aprofundar na vida de Maria I.

Por fim, este estudo será dividido em três capítulos. O primeiro capítulo aborda o contexto histórico e familiar em que Maria I nasceu e cresceu, ele identifica quais foram os herdeiros legítimos que subiram ao trono antes de Maria I e analisa a linha sucessória da Inglaterra. No segundo capítulo os obstáculos e dificuldades, externas e pessoais, enfrentados por Maria I são identificados e estudados, mostrando causa e como ela os superou, com isso, também relaciona as dificuldades pessoais com as dificuldades externas. Finalmente, para o terceiro capítulo será feita uma discussão teórica sobre o papel da mulher na sociedade na época e feita uma comparação entre seu papel na sociedade da época e seu papel na atualidade.

2. A JORNADA DE MARIA TUDOR: CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E PESSOAL

De acordo com Quilligan (2021), em *Quando as mulheres governavam o mundo*, ao longo da história da humanidade, é possível identificar diversos casos em que mulheres foram negligenciadas e ignoradas mesmo em situações em que elas tinham o direito legítimo de reivindicar espaços de poder. Se considerarmos a vida de Maria I da Inglaterra, é possível constatar esta observação pois ela foi a primeira mulher a assumir o trono inglês e reinar com base na sua hereditariedade. “Maria I foi a primeira Rainha Regente, ou seja, uma rainha que reinava por direito próprio, em vez de uma rainha por casamento com um rei”. (Frazão, 2023, pg.2).

Filha de Catarina de Aragão com Henrique VIII, nascida em 1516, Maria I da Inglaterra foi criada em um século e sociedade profundamente misóginas, e desde jovem o peso de uma sociedade com pensamentos preconceituosos que restringia os direitos das mulheres já impactavam fortemente sua vida.

“Quando Mary fez 16 anos, Henrique VIII escreveu um panfleto, *A glass of the Truthe*, no qual defendia que a maior estabilidade nacional seria

proporcionada por um herdeiro homem ao seu trono” (QUILLIGAN, 2021, p. 28).

Além de seu próprio pai ter conceitos preconceituosos, que cerceavam os direitos femininos, concretos em sua mente, ele também compartilhava essas ideias com grandes influências da época, como o próprio Jhon Knox.

Seguindo a condução de Knox, que afirmava que as mulheres eram simplesmente incompetentes para governar por causa de sua histeria de base biológica e sua natureza irracional e passional (QUILLIGAN, 2021, p. 11),

Com a perspectiva de Knox, fica explícito de que até mesmo influências intelectuais e religiosas relevantes daquele período, que supostamente deveriam ter um pensamento mais avançado e desenvolvido para a época, reforçavam a ideia da superioridade masculina em relação as mulheres, reduzindo-as a papéis restritos ao cuidado do lar e da família.

Dito isso, segundo a citação de Quilligan (2021), fica claro que o ambiente que Maria I foi forjada era completamente instável e desestimulante por parte de seu pai, e todos com o mesmo pensamento da época, em relação a seguir seu caminho ao trono, e essa visão não só limitava o espaço social e político para as mulheres, restringindo as a poucas opções, mas também justificava sua exclusão do poder real e da tomada de decisões tanto em relação pública e governamental.

Primordialmente, para entender o contexto em que Maria I nasceu, faz-se necessário realçar os conflitos e golpes passados naquela época. Maria Tudor, nasceu no século XVI na Inglaterra durante a dinastia Tudor, logo após a Guerra das rosas. Segundo Mayer (2019, p .2):

A Guerra das Rosas foi um conflito interno da Grã-Bretanha que aconteceu entre 1455 e 1485. Duas famílias da mesma dinastia, os Lancaster e os York, disputaram o trono em batalhas sangrentas, massacres, golpes e alianças improváveis.

1

¹ A Guerra das Rosas foi um conflito que aconteceu na Inglaterra, durante os anos passados entre 1455 e 1485, entre duas famílias nobres do país. Nessa guerra, os York e os Lancaster, ambos descendentes dos Plantageneta, travaram uma guerra pelo trono inglês. Os conflitos que caracterizaram a Guerra das Rosas estenderam-se pelo reinado de Henrique VI, Eduardo VI, Eduardo V e Ricardo III. Ao final desse conflito, Henrique Tudor surgiu como alternativa para o trono inglês, e, ao ser coroado, em 1485, como Henrique VII, foi iniciada a dinastia Tudor. Um dos resultados da ascensão dos Tudor foi a centralização do poder na figura do rei.

De acordo com a citação acima, a Guerra das Rosas foi uma disputa com batalhas sangrentas, massacres e golpes, e foi nesse contexto, que Maria I nasceu, em uma sociedade instável e carregada de disputas e conflitos. Além de todos esses confrontos entre as dinastias inglesas, também houve o rompimento da coroa inglesa com a igreja católica, e isso aconteceu especificamente após a mãe de Maria I não lograr conceder um filho homem para Henrique VIII. Com isso, ele decidiu dissolver seu casamento com Catarina de Aragão para casar-se com a jovem Ana Bolena, com o objetivo de ter mais uma tentativa em ter um herdeiro masculino.

Depois que eles não conseguiram gerar um herdeiro masculino para a Inglaterra em 24 anos de tentativas, Henrique decidiu, por conta própria, que Deus o estava punindo pelo pecado do incesto, negando lhe herdeiros homens, e que [...] pediria ao papa para dissolver seu casamento com Catarina. (QUILLIGAN, 2021, p. 31)

Por conseguinte, o papa, relutante para dissolver o casamento entre Catarina de Aragão e Henrique VIII foge,

O papa fugira para o castelo[...] Era evidente que ele não podia se arriscar a enraivecer Carlos V, concordando com o pedido de Henrique VIII de anular seu casamento com a tia preferida do imperador, Catarina de Aragão (QUILLIGAN, 2021, p. 32).

A fim de finalmente dissolver o seu casamento antigo, Henrique VIII e Ana Bolena, impacientes pela oposição do papa em relação a separação do casamento, decidem casar-se mesmo assim, *“Por fim, decidindo não esperar pela permissão do papa, Ana forçou o assunto, concordando em sucumbir aos apelos de Henrique”* (Quilligan, 2021, p. 33).

Por conseguinte, o rei promulgou o ato de supremacia e se declarou o Chefe supremo da Igreja Inglesa.

Nesse sentido, Henrique, começou secretamente a desfazer os laços da Inglaterra com a Igreja Católica, empossando-se como Chefe supremo da Igreja da Inglaterra, no lugar do papa (QUILLIGAN, 2021, p. 33).

Com isso se principiou a maior transição religiosa da história da Inglaterra, a ruptura com a igreja católica e a transformação da religião do reino para o anglicanismo, essa transformação da igreja católica para anglicana protestante criou

diversos opositores, tanto à ideia da transição religiosa quanto o fato da nova rainha da Inglaterra ser Ana Bolena. *“O ‘um por cento’ da nação aceitou as terras e propriedades, e também que Ana Bolena fosse rainha e a Inglaterra, anglicana”* (Quilligan, 2021, p. 34). Como dito anteriormente, a população inglesa não estava nem um pouco satisfeita com a mudança religiosa, e as oposições da população a esse casamento e ao anglicanismo estavam cada vez mais presentes, e de fato, com a mudança da religião vieram também mudanças na vida da população, por isso, os mesmos estavam tão insatisfeitos,

Tendo rejeitado conceito de Purgatório, a Igreja Protestante impediu as pessoas de ter qualquer contato direto com familiares falecidos, a quem, anteriormente, elas podiam ajudar com suas preces e doações. (QUILLIGAN, 2021, p. 34).

Ao considerarmos o contexto religioso, social e pós-guerra, do início do séc. XVI, é possível caracterizar a época em que Maria I cresceu e viveu como muito sombria e difícil, Maria I nasceu em 1516, no pós de um conflito entre duas grandes dinastias, York e Lancaster, essa guerra, segundo Quilligan (2021, p. 13), gerou uma ambiente com grandes expectativas por herdeiros homens, e a falta disso causava grande ansiedade e tensão na corte, criando, com isso, um ambiente toxico e misógino, e uma grande pressão sobre Maria, que algum dia esperava ser rainha da Inglaterra.

Assim, em consonância com o que foi dito anteriormente, como se não tivesse sido suficiente Maria I ter nascido em um contexto de instabilidade dinástica, com heranças misóginas da Guerra das Rosas, ela, passou sua juventude inteira durante a ruptura da corte Inglesa com o catolicismo para atar-se ao anglicanismo. Em suma, em ambos esses exemplos fica evidente que, tanto relação ao contexto religioso, quanto em relação ao contexto dinástico, Maria I viveu em uma época muito difícil e teve que enfrentar diversos desafios por toda sua vida para chegar aonde chegou.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO FAMILIAR: O BERÇO DE MARIA I

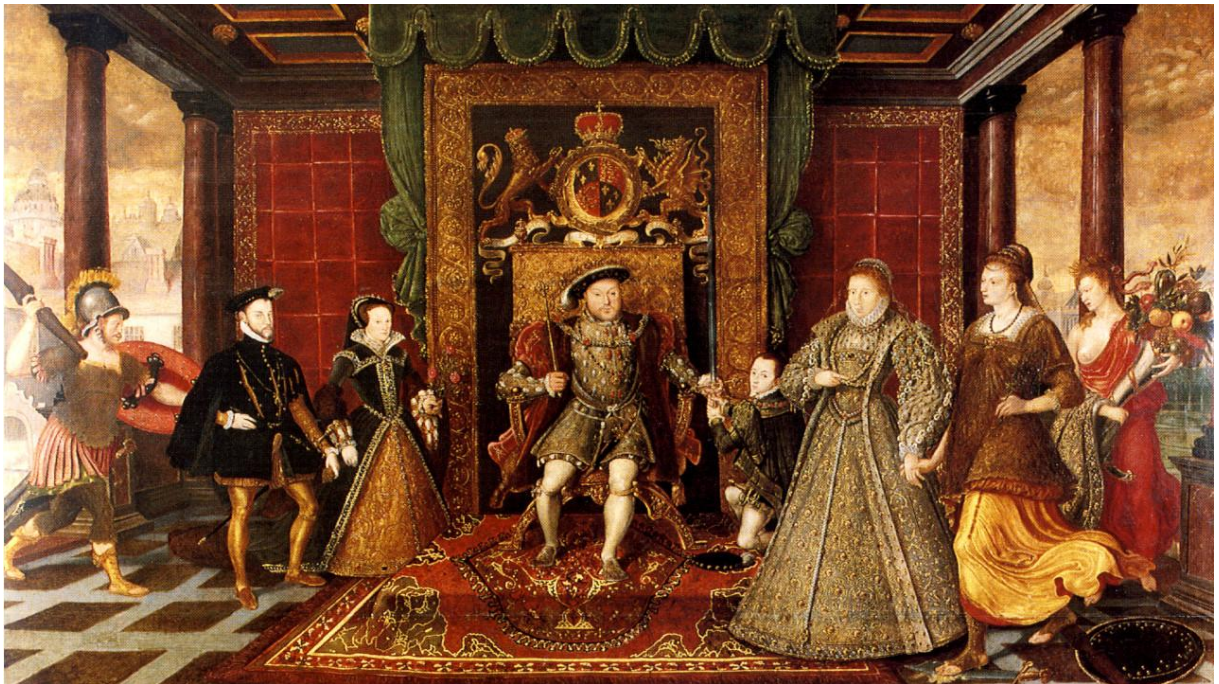
Maria Tudor nasceu em um berço de ouro, cercada pelo esplendor da corte inglesa e pelas promessas de um futuro brilhante. Como filha do poderoso rei Henrique VIII e da rainha Catarina de Aragão,

A criança mimada de jovens pais amorosos, a quem nada era negado, vestida com roupas maravilhosas, tendo professores talentosos nas artes, privadamente recebendo uma esplendida educação humanista (Quilligan, 2021, p. 35).

Maria I, além de já ser dotada em diversos aspectos, tinha absolutamente tudo para ter uma vida muito boa

Mary era de fato, dotada de talentos. Aos 9 anos, Mary havia proferido uma alocução latina a um dignitário em vista, escrita de próprio punho. Não havia dúvidas que podia apresentar-se publicamente com grande êxito e confiança (Quilligan, 2021, p. 29).

FIGURA 2: DINASTIA TUDOR



Fonte: Aventuras na História. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-tudors-inglaterra.phtml> Acesso em: 22.09.2025

Por 17 anos, a vida de Maria I era perfeita, a única filha sobrevivente de Henrique VIII e Catarina de Aragão, Maria I foi devidamente educada e possuía um perfil raro para mulheres da época, ela tinha um futuro promissor. Segundo Quilligan (2021, p. 35), desde seu nascimento ela tinha sido ensinada por sua mãe, a se ver como alguém que acabaria sendo rainha da Inglaterra, com isso, desde cedo, gerando uma mentalidade de líder em sua cabeça. No entanto, em 1534, Henrique VIII

dissolveu o casamento com sua mãe, Catarina de Aragão, e com isso, sua vida encantadora começou a cair aos pedaços

2.2 HENRIQUE VII E ELIZABETH I NA VIDA DE MARIA TUDOR

Após a separação de seus pais, continuando com uma sequência de acontecimentos ruins para a, não mais perfeita, vida de Maria I, Elizabeth nasceu, com isso, Maria I acabou sendo banida e perdendo tanto seu direito de herdeira ao trono, que havia tardado longo tempo para conquistar, quanto seu título real, Maria acabou decaindo de “Princesa”, para “Lady Maria”.

Ainda que o nascimento de sua segunda filha fosse outra grande decepção para Henrique, como Mary tinha sido anteriormente, ele imediatamente reconheceu Elizabeth como sua herdeira, algo que adiou por longo tempo de ser tratado com Mary. Baniu sua primeira filha, a quem apenas recentemente reconhecera como herdeira, e abruptamente substituiu-a pela segunda, tornando-a sua sucessora legítima (QUILLIGAN, 2021, p. 35).

Em seguida, prontamente depois do casamento de Henrique VIII e Ana Bolena, Catarina de Aragão, mãe de Maria I, foi exilada da corte. Além do fato de sua mãe ter sido exilada, imediatamente com o nascimento de Elizabeth, Maria I foi excluída da linhagem e real, pelo seu pai e toda a corte, ela começou a ser considerada uma bastarda pela coroa. Em suma, a vida perfeita de Maria I acabou em um piscar de olhos, assim que Elizabeth nasceu. *“Sendo assim, aos 17 anos, Mary Tudor perdeu seu título real quando a infanta Elizabeth veio ao mundo. Não mais chamada de “princesa” e sim de “Lady Mary”.* (Quilligan, 2021, p. 34).

Em grande parte, contudo, essas inimizades não eram fruto de Mary e Elizabeth, mas projetadas sobre elas pelas circunstâncias, sobretudo como resultado de maquinações de homens poderosos. O desejo avassalador de Henrique VIII para que um filho homem reinasse depois dele criou todas as tensões entre as irmãs, opondo uma contra a outra, uma católica, a outra protestante, conflito em que uma teria que ser bastarda, se a outra viesse a ser legítima. (QUILLIGAN, 2021, p. 26).

A lógica construída por Maureen Quilligan (2021) nos leva a entender que toda essa rivalidade construída em volta das duas irmãs durante a disputa para ver quem

será a legítima e quem será a bastarda é um resultado da maquinação de homens poderosos, como Henrique VIII.

FIGURA 3: RAINHA ELIZABETH TUDOR



Fonte: História do mundo. Disponível em:

<https://www.historiadomundo.com.br/inglesa/dinastia-tudor.htm>. Acesso em: 30.09.25

A partir das citações acima e as a seguir a serem citadas, se torna possível analisar a crueldade do Rei Henrique VIII e como ele era um péssimo homem e um pai de família ainda pior. *“Ela se tornou mais uma vítima das demonstrações irracionais da crueldade e comportamento tirânico de Henrique VIII”* (Quilligan, 2021, p. 31). Essa citação faz referência de quando Catarina de Aragão mesma tentava fazer um apelo íntimo, para que Henrique não dissolvesse seu casamento, desmentido o que Henrique VIII tinha dito, segundo Quilligan (2021) o pretexto pelo qual Henrique VIII pedia ao papa para dissolver seu casamento com Catarina de Aragão era incesto, porque anteriormente havia sido casada com o irmão de Henrique, Arthur. Com a tentativa falha de Catarina de Aragão, ela se tornou mais uma vítima de demonstrações irracionais de crueldade de Henrique VIII

Quando o senhor me possuiu pela primeira vez, tomo Deus como meu juiz, eu era uma verdadeira donzela sem toque de homem; e coloco na sua consciência atestar se isso é ou não é verdade. (QUILLIGAN, 2021, p. 31).

Em suma, um dos aspectos internos que tiveram impactos significativos na vida interna, social e política de Maria I da Inglaterra foi sua relação com seu pai e sua

irmã. A relação com seu pai foi o que mais gerou consequências pessoais, sendo elas, diversos traumas pessoais e emocionais desencadeados pelo abandono dela por parte de Henrique VIII e ele a declarando ilegítima.

3 CRISES DE SUCESSÃO: DIFICULDADES EXTERNAS E PESSOAIS PARA ASCENSÃO

Maria I da Inglaterra foi a primeira rainha a reinar de forma efetiva no trono inglês. Sua trajetória para ter conseguido alcançar essa conquista foi marcada por diversos e intensos obstáculos, que estavam diretamente conectados com o contexto político e religiosos europeu e às relações misóginas entre as mulheres e seus poucos direitos sociais na época. Como, por exemplo, a dificuldade de uma mulher para conseguir crescer e se desenvolver em uma sociedade onde as mulheres eram objetivadas, subestimadas e desconsideradas, sem terem uma oportunidade de mostrar seu valor e apenas sendo vistas como moedas de troca no mundo da realeza.

“A troca de mulheres” [...] Em essência, as irmãs e filhas de um grupo são trocadas para se tornarem esposas de ouro, e vice-versa. Segundo esse relato tradicional do “tráfico de mulheres”, o pressuposto é que elas mesmas têm pouca ou nenhuma atuação, simplesmente agem como silenciosos elos entre os dois grupos masculinos (QUILLIGAN, 2021, p. 13).

Segundo o pensamento de Quilligan, fica evidente que um dos maiores e mais importantes obstáculos externos enfrentados para a ascensão de Maria I ao trono inglês foi o contexto social da época em que ela viva, mas houve outros desafios que causaram igualmente muitas dificuldades em relação à Maria I alcançar seu objetivo. Uma dessas dificuldades sendo, por exemplo, o fato de que nessa época a Inglaterra se encontrava em um contexto de completo isolamento diplomático, que foi causado pela ruptura religiosa e uma grande desconfiança protestante na Europa.

“The weakness of England vis-à-vis its neighbors in the mid-Tudor decades has long been a commonplace of historical writing. It has been assumed that the minority of Edward VI, the inexperience of Elizabeth I seriously destroyed the base of the English government”. (BASINGSTOKE, 2005, p.56)

De acordo com a passagem acima, fica evidente que no período entre 1547 e 1558, momento quando Maria I estava governando a Inglaterra, a Inglaterra estava passando por um momento de fragilidade em relação às suas conexões políticas externas. Com isso, a passagem revela que quando Maria reivindicou o trono, o país estava sem aliados estáveis, Inglaterra podia ser considerada um ilha, tanto física e geograficamente quanto quando posta em um contexto em de estar politicamente isolada, o que tornou sua ascensão um feito ainda mais notável.

Além desses obstáculos externos, também havia impedimentos internos que causaram tanto impacto quanto os obstáculos externos em relação em dificultar o caminho da Maria I para chegar ao trono. Um desses impedimentos internos era suas relações familiares. Como citado anteriormente em outros capítulos, Maria I tinha relações complicadas com todos os membros de sua família, primeiramente sua meia-irmã Elizabeth I, Maria e Elizabeth tinham uma relação inveja e ódio entre elas, e essa rivalidade era tinha sido causada pelo favoritismo de Henrique VIII pela Elizabeth. Henrique VIII, além de ter estragado a relação entre suas duas filhas, também estragou sua relação com Maria I, sua filha mais velha, com o nascimento de Elizabeth I, Henrique VIII decidiu imediatamente revogar os direitos de Maria I como princesa herdeira, e não a reconhecer mais como legítima herdeira do trono inglês, mas sim como apenas uma servente de sua mais nova filha. Por último, Eduardo VI, irmão mais novo de Maria I, Eduardo herdou as mesmas maneiras misóginas de pensar de seu pai, em relação às mulheres governando, e com esses pensamentos e suas próprias mãos, ele escreveu “Meu instrumento para sucessão”, que eram regras escritas para que quando ele morresse nenhuma de suas irmãs assumisse o seu trono porque, segundo Quilligan (2021), *“Mary e Elizabeth eram, afinal de contas, apenas suas meias-irmãs e ainda assim bastardas, o rei adolescente alegava que elas não tinham o direito de sucedê-lo.”*

FIGURA 4: MARIA I DA INGLATERRA

Fonte: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_I_da_Inglaterra Acesso em: 07 out. 2025

Além das suas relações fervorosas com seus familiares, outros desafios para Maria conquistar o trono fora, conflitos religiosos relacionados ao catolicismo e protestantismo e as lutas dentro da nobreza pelo poder. Por um lado, todos esses acontecimentos ocasionaram grandes dificuldades para Maria I, e com isso causaram um grande impacto durante sua trajetória, mas por outro lado, com a superação e aprendizado deles, esses foram essenciais para moldar e formar tanto sua vida pessoal quanto sua atuação em estratégias política e decisões para o seu reinado. Sendo assim, as dificuldades encontradas no caminho ao trono de Maria I, claramente causaram grandes impactos negativos, mas também foram cruciais para formar sua maneira empoderada e única de reinar.

Dito isso, a análise das dificuldades enfrentadas por Maria nos permite, fazer um contraste entre a imagem que ela refletia para o povo e para a sociedade com sua personalidade insegura, além de refletir como eles podem ter impactado, tanto de maneira positiva quanto negativa no reinado de Maria I da Inglaterra, mas também, compreender como fatores internos, de ordem psicológica, religiosa e emocional podem se interligar com os obstáculos externos, sendo eles, políticos, dinásticos e sociais.

3.1 CONSEQUÊNCIAS DAS DIFICULDADES EXTERNAS NA VIDA DE MARIA I DE INGLATERRA

Como citado anteriormente, Maria I da Inglaterra passou por diversos eventos que marcaram de maneira negativa a sua infância, e esses influenciaram decisivamente tanto sua vida pessoal quanto seu governo. Como filha legítima de Henrique VIII e Catarina de Aragão, Maria I nasceu em uma dinâmica de poder de estabilidade que logo seria ameaçada pela decisão do seu pai em anular seu casamento com a intenção de casar-se com Ana Bolena. *“Em 1528, quando Henrique começou a tentar anular seu casamento com Catarina de Aragão para seguir seus planos de casamento com Ana Bolena”* (Quilligan, 2021, p. 31). A anulação do casamento de seus pais e a ascensão de Ana Bolena como rainha se juntaram e resultaram na declaração de que Maria I agora era uma filha bastarda e ilegítima, retirando-lhe o seu direito dinástico, que era essencial para sua sobrevivência política e social.

“Sua educação tinha sido interrompida com seu rebaixamento de princesa para uma simples senhoria; ela sofreu todas as consequências de um abastardamento que não aceitava, mas não tinha poder para mudar”. (QUILLIGAN, 2021, p. 36).

Essa perda teve repercussões profundas na vida pessoal de Maria I, afetando sua autoestima e formando um trauma psicológico que marcou sua trajetória. Submetida à humilhação pública e privada, ela viu sua legitimidade ser questionada em uma corte que estava em um contexto social e político dominado por homens. Esse processo de rejeição de seu direito dinástico provocou grande insegurança, e com isso Maria I passou boa parte de sua vida tentando reafirmar seu valor e sua posição. Além dessas consequências emocionais, a religiosidade se marcou presente como um elemento central na vida de Maria I, sua devoção ao catolicismo, herdada de sua mãe, tornou-se um refúgio durante momentos difíceis e obstáculos assim como um pilar essencial de sua identidade, impactando suas futuras decisões políticas. Em uma Inglaterra que presenciou e passou por grandes mudanças religiosas, a fé de Maria I não apenas se representou como um conforto espiritual, mas também virou um instrumento central de sua resistência política, definindo seu reinado como uma

época de reafirmação da religião católica frente às reformas anglicanas promovidas por seu pai e sucedidas por sua meia-irmã, Elizabeth I.

FIGURA 5: RETRATO DE FELIPE II DE ESPANHA E MARIA I DA INGLATERRA



Fonte: Wikipedia. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:PortraitoPhilipIIofSpain.jpg>. Acesso em: 02 set. 2025.

3.2 CASÓRIO DE MARIA I E FELIPE II

Outro aspecto relevante da vida pessoal de Maria I, é a sua relação matrimonial com Filipe II da Espanha, desde o início do casório de Maria I e Filipe II, mostrou-se muito diferente por parte de cada um dos dois em relação a objetos, para Maria I, o casamento e a união com o um herdeiro do trono espanhol representava, não apenas uma aliança política e uma reafirmação de sua identidade católica, mas também, no fundo Maria queria construir uma relação de família com Felipe II e não apenas uma conexão tendo em vista coordenação política.

O casamento de Maria I da Inglaterra e Filipe II da Espanha foi um casamento dinástico motivado por razões políticas e religiosas, não por amor, e teve um caráter desigual e desastroso para Maria. Filipe, mais jovem e voltado para a obtenção de poder, demonstrou pouca afeição e interesse por Maria, que, por sua vez, nutria um amor profundo pelo marido (QUILLIGAN, 2021, p. 47).

Já para Felipe II, o matrimônio tinha apenas um objetivo sendo ele a junção essencialmente diplomática de dois reinos tendo em vista o fortalecimento da Monarquia Hispânica e a aplicação da influência espanhola sobre a Europa ocidental.

Dito isso, segundo a citação de Quilligan (2021) apesar das expectativas, o casamento não proporcionou a Maria I o apoio afetivo desejado, com isso, iniciando seu quadro de solidão e frustração emocional. Outro evento pessoal que causou grande impacto em sua vida foi a ausência de filhos do casal, que representou uma grande angústia, pois além do sofrimento pessoal, colocou em risco a estabilidade dinástica, mostrando a pressão psicológica sob a qual a rainha vivia.

Aos 37 anos, Maria I sentiu sintomas de gravidez, como enjoos, um abdômen inchado e até a sensação de movimentos fetais. Até chegaram a surgir rumores de que Maria I tinha dado à luz, e os súditos celebraram, mas logo ficou claro que não havia bebê real. (QUILLIGAN, 2021, p. 51).

De acordo com a citação fica evidente que esse contexto foi tão traumático para Maria I que motivou até mesmo episódios de gravidezes psicológicas, que agravaram impulsionaram ainda mais seu estado deplorável de saúde física e mental e refletiram o impacto intenso das tensões emocionais que enfrentava.

3.3 DIFICULDADES EXTERNAS E POLÍTICAS

Em relação a questões externas que causaram impactos na sua vida, um ponto marcante é o campo político, onde Maria I enfrentou resistência de múltiplos setores. Um grande exemplo que mostra a resistência e resiliência enfrentadas por Maria I em relação à sua ascensão ao trono, que foi contestada por Lady Jane Grey e também apoiada por facções protestantes.

“Dudley e sua igualmente esposa de 16 anos, lady Jane Grey, tinham finalmente sido decapitados apenas um mês antes. Adiada por quase um ano, a execução de lady Jane foi, por fim, ordenada, quando a

clemência de Mary não pôde mais ser sustentada, face a persistente atração de Jane pelos rebeldes protestantes.” (QUILLIGAN, 2021, p.25)

Lady Jane Grey, sua prima, ao contestar o trono de Maria I conseguiu o que queria e governou, mas por apenas 3 meses, até ser executada por Maria I.

Como dito anteriormente, embora Maria tenha conseguido consolidar-se como rainha, seu governo foi permanentemente desafiado tanto pela oposição religiosa, sendo os protestantistas anglicanos inspirados pelo seu pai, Henrique VIII, quanto aos grupos de cidadãos insatisfeitos com a sua política de restauração do catolicismo. Outros conflitos externos também se intensificaram depois do casamento entre Maria I e Filipe II, visto como uma ameaça à soberania inglesa por implicar excessiva influência espanhola. Essa aliança gerou insurreições internas, como a Rebelião de Wyatt (1554), que buscava impedir a consolidação da união e derrubar Maria. Além disso, a perda de Calais em 1558 – último território inglês no continente – foi um golpe severo ao prestígio internacional da monarquia, agravando a percepção de fragilidade do governo.

4. DISCUSSÃO SOBRE A MULHER E O PODER POLÍTICO

Como citado anteriormente em diversos capítulos, a sociedade inglesa no século de 1500 estava em um contexto profundamente misógino e patriarcal, e essa época coincidiu com o reinado de Maria I, a sociedade também poderia ser muito caracterizada por uma linha de pensamentos predominantes, pela maioria dos homens, que delimitavam qualquer tipo de direito que poderia beneficiar uma mulher. Esses pensamentos tinham como base o fato de que as mulheres eram vistas como legal e moralmente inferiores aos homens, eles eram baseados em normas religiosas e sociais, e em uma estrutura social que já era típica da antiga Europa há muitos anos. Nesse contexto, o papel da mulher na sociedade inglesa, em grande parte, era delimitado pelo comprometimento ao casamento, pela maternidade e pela submissão às figuras masculinas poderosas, podendo ser elas, seus pais, maridos ou até tutores.

As mulheres eram tratadas como um objeto e sujeito totalmente passivo na estrutura social da época, um ótimo exemplo disso pode ser a própria mãe de Maria I, Catarina de Aragão, ela era uma mulher muito respeitada por toda a corte e pela sociedade da época por vários motivos e, o principal deles sendo o fato de que era uma mulher muito bem resolvida e não era dependente de ninguém para agir em situações de estresse.

Quando o rei Jaime IV da Escócia invadiu a Inglaterra, Catarina organizou as tropas, fez discursos motivacionais e participou das reuniões do conselho de guerra. (MARTINS, 2015, p. 68)

Com base nisso, e no fato de que Henrique VIII e Catarina de Aragão estavam casados há mais de duas décadas, poderia se assumir que um vínculo, ou uma conexão seria criada entre Henrique e Catarina, mas esse não foi o caso, pelo menos por parte de Henrique VIII, pois logo após isso, Henrique VIII se decide divorciar-se de Catarina.

Isso é devido à seu pai Henrique VIII que queria desfazer seu casamento com Catarina de Aragão, visando ter um filho homem para ser o herdeiro legítimo da coroa. *“A rainha Catarina, de início com feições doces e elegantes, mas agora desgastada com inúmeras gravidezes e abortos, estava perfeito estado para Henrique se divorciar”* (QUILLIGAN, 2021, p. 29).

Segundo os pensamentos de Maureen, fica explícito que a decisão de Henrique VIII de divorciar-se de Catarina, além de ser uma ótima maneira de exemplificar a maneira de como as mulheres eram tratadas e quais eram as suas funções na sociedade da época, também mostra os impactos na vida de alguém após serem desmerecidos e utilizados como objetos por tantos anos. Mesmo após mais de duas décadas em um matrimônio, mostrando seu valor e apoio incondicional, Catarina havia sido descartada como se mais de 20 anos não tivessem nenhum significado para Henrique VIII, e apenas o motivo de que um filho homem não havia nascido era mais de que um motivo suficiente para descartar uma esposa e uma filha sem hesitação nenhuma.

4.1 MULHERES NA CORTE E NO PODER

Ainda que o papel dominante das mulheres na sociedade fosse, em geral, de subordinação ao poder masculino, havia exceções notáveis que demonstram como o gênero não impedia completamente o acesso à influência política, especialmente entre as elites. No final da Idade Média e ao longo do século XV, algumas mulheres de alta nobreza conseguiram exercer poder de forma indireta por meio de alianças matrimoniais, da regência em nome de filhos menores ou da atuação nos bastidores das cortes. Rainhas consortes, damas de companhia e regentes viúvas, por exemplo, frequentemente desempenhavam papéis diplomáticos e de mediação política, aproveitando-se das redes de parentesco e das oportunidades criadas pelas crises dinásticas. Um exemplo notável é Isabel de Castela, que, embora já no fim do século XV, consolidou seu poder como soberana plena, governando em pé de igualdade com Fernando de Aragão e abrindo precedentes para outras mulheres no exercício do poder real.

Ainda assim, a predominância das estruturas patriarcais levava à desconfiança em relação à autoridade feminina. A legitimidade do poder exercido por mulheres geralmente dependia de justificativas excepcionais, como a falta de herdeiros masculinos, a necessidade de uma regência temporária ou a invocação de virtudes morais e religiosas que as qualificassem para governar. No cenário inglês, por exemplo, o século XVI veria o surgimento de personalidades importantes como Elizabeth I e, anteriormente, Maria Tudor. No entanto, por volta de 1500, a noção de uma mulher como soberana ainda era vista como anômala e até perigosa, uma subversão da ordem natural e divina estabelecida. Dessa forma, apesar de o poder político feminino existir, ele geralmente era exercido sob a influência do poder masculino, intermediado por relações familiares, pela diplomacia doméstica e pela sutileza com que as mulheres conseguiam atuar dentro de um sistema que lhes negava oficialmente a autoridade.

5. CONCLUSÃO

Para a conclusão do meu trabalho, eu concluo que para Maria I se manter no poder, ela precisou enfrentar diversas resistências tanto políticas quanto sociais e de gênero. E para se defender dessas resistências, Maria I buscou afirmar com mais

intensidade sua autoridade, e isso foi feito através da sua religião e do casamento. Seu matrimônio com Filipe II da Espanha, embora impopular, buscava consolidar alianças e fortalecer sua posição.

Agora em relação aos impactos que o reinado de Maria I teve nos direitos das mulheres após o seu reinado até atualmente. Maria I durante o seu reinado, não fazia nenhuma propagação direta dos direitos femininos e igualdade de gênero, nem qualquer oposição direta á misoginia da época, mas apenas a sua presença como mulher em um cargo tão importante já abriu novas oportunidades e novas perspectivas. Maria I foi a primeira Mulher a governar a Inglaterra por direito próprio, com isso, demonstrando, por primeira vez que uma mulher poderia sim exercer um poder político e governar o seu país. A experiencia de Maria I criou um novo caminho para futuras monarcas, como sua própria irmã, Elizabeth I, que por si só, também iria criar, e sustentar ainda mais a ideia de uma liderança feminina capaz e legítima.

Com isso, Maria I, sendo um marco inicial na trajetória da luta que as mulheres têm em busca do reconhecimento e igualdade, contribuiu indiretamente para ampliar a ideia de que as mulheres podem e devem ter papeis importantes na sociedade como o de uma monarca.

Em suma, a trajetória de Maria I da Inglaterra evidencia, portanto, as dificuldades enfrentadas por uma mulher na corte inglesa do século XVI, em uma sociedade onde as mulheres eram subestimadas, objetificadas e frequentemente tratadas como meros instrumentos para a consolidação de alianças políticas. Sua vida destaca como a combinação de rejeição, pressão social e as exigências dinásticas criaram um ambiente adverso no qual Maria teve que se afirmar, não apenas como herdeira legítima, mas como mulher em um espaço predominantemente masculino.

A vida de Maria I da Inglaterra revela uma profunda ligação entre os aspectos pessoais e políticos de sua vida, com isso, mostrando que não seria possível fazer uma análise e compreender esses aspectos de uma maneira isolada. Como citado em capítulos anteriores, Maria I teve uma infância muito boa, mas com a sua

juventude, se iniciaram grandes dificuldades, a maior delas sendo, ela ser declarada ilegítima após a anulação do casamento de seus pais, Henrique VIII e Catarina de Aragão, e esse fato causou grandes impactos e abalou profundamente sua autoestima, com isso gerando uma insegurança pessoal que pode ter sido a maior causa de suas atitudes e ações rígidas no seu futuro reinado. Essa relação entre vida pessoal e política se mostra presente em decisões políticas duras e rígidas tomadas pela monarca durante o seu reinado, e essas são um reflexo da necessidade de Maria de controlar e estabilizar seu reino e sua própria posição.

Outro evento que pode se classificar como um objeto para a análise da interligação de aspectos políticos com pessoais que impactaram o futuro reinado de Maria I, é a restauração do catolicismo durante seu reinado, esse processo não foi apenas um movimento religioso, mas também, pode ser classificado como uma maneira de reafirmar sua herança dinástica e sua autoridade, impulsionada pelo desejo de reconstruir o prestígio perdido com sua deslegitimação. A intensidade de suas crenças religiosas, que também tem como fonte suas dificuldades emocionais enfrentadas, foi um pilar central do seu reinado e uma ferramenta para impor sua visão política em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, onde as mulheres eram muitas vezes reduzidas a objetos de troca em alianças matrimoniais.

Ao concluirmos a análise da vida de Maria I da Inglaterra, é claramente possível perceber que suas vivências e escolhas políticas estavam interligadas, o que impede uma total compreensão de seu período no poder sem levar em conta essa relação. A forma como foi desvalorizada quando jovem não só definiu quem ela era e como se via, mas também afetou profundamente sua maneira de governar, manifestada em atitudes firmes e na busca contínua por controle e validação de sua própria autoridade. A volta do catolicismo durante seu reinado vai além da religião, sendo uma ferramenta política para recuperar seu lugar na dinastia e superar os obstáculos impostos por uma sociedade dominada por homens. Desse modo, Maria I se mostra como uma pessoa cuja liderança foi tanto uma batalha pessoal quanto uma ação pensada, mostrando as dificuldades de ser uma mulher no poder em um momento histórico de muita instabilidade e mudança.

REFERÊNCIAS

BRAZIL ESCOLA. Dinastia Tudor: o que foi, origem, monarcas, fim. *Brasil Escola*, ago. 2024.

LOADES, David. The Reign of Mary Tudor: Historiography and Research. *Albion*, v. 21, n. 4, 1989.

MANTEL, Hilary. *Tragam os corpos*. Volume 2, *todavia*, 2012

QUILLIGAN, Maureen. Quando as mulheres governavam o mundo. *Vestígio*, 2021

ROCHA, Fernando. Maria I: a rainha católica em uma Inglaterra dividida. *HistóriaBlog*, 07 jun. 2024.

RODRIGUES, Vinícius. História dos Tudor na Inglaterra. *Aventuras na História*, 30 de outubro de 2019.

SIMONS, Eric Norman. Mary I. *Encyclopædia Britannica*, abril de 2025.

THE NATIONAL ARCHIVES. Role of a Queen – Mary I and Anne. *The National Archives*, c. 2022.

WORLD HISTORY ENCYCLOPEDIA. Mary I of England, 201

POTTER, David. *Mid-Tudor Foreign Policy and Diplomacy, 1547–1563*. Tudor England, 2005

MARTINS, Carla. *Mulheres, liderança política e media*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2015. ISBN 978-989-622-795-1.

